

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Valor Econômico.....	2
Título: Reserva de ações da Petrobras vai até o dia 24	2
Título: Engie e LOréal fecham parceria para uso de energia renovável	2
Título: Apagão histórico deixa Argentina e Uruguai sem luz	4
Título: Ultra faz mudanças na rede Ipiranga.....	5
Título: Em consórcio, grupo tenta de novo comprar Liquigás	7
Título: Curtas	9
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	10
Título: » Commodity ou dinheiro.	10
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	10
Título: O grande leilão	10
Título: Apagão sem precedentes atinge Argentina e Uruguai	12
Título: Conspiração contra o meio ambiente.....	13
Título: Saiba como comprar ações da Petrobras à venda pela Caixa	15
VEÍCULO: O Globo.....	18
Título: Escuridão eleitoral	18

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 17/06/2019****Seção: Finanças****Autor: Weruska Goeking | De São Paulo****Título: Reserva de ações da Petrobras vai até o dia 24**

Começa hoje o prazo de reserva para a compra de ações da Petrobras que estão nas mãos da Caixa Econômica Federal. O prazo de reserva vai até o dia 24. Mas por que alguém esperaria até lá para comprar uma ação já negociada na B3? A principal razão é a possibilidade de ter um desconto.

O banco público possui 3,24% de participação da estatal. Se considerado o valor de fechamento do papel na sexta-feira anterior ao anúncio da operação, dia 7, de R\$ 29,75, a transação pode movimentar R\$ 7,2 bilhões.

Até uma em cada quatro ações será destinada ao investidor de varejo e a aplicação poderá ser feita diretamente pela corretora ou via Fundos de Investimento em Ações da Petrobras (FIA-Petrobras), criados no âmbito da oferta. O valor mínimo será de R\$ 3 mil e o máximo R\$ 1 milhão. Se o investimento for via fundos FIA-Petrobras, a faixa vai de R\$ 100 a R\$ 1 milhão.

Dos cerca de 25% das ações da oferta que vão para o varejo, 4% delas serão destinadas preferencialmente para quem aceitar a restrição temporária de venda desses ativos por 45 dias, o chamado "lock-up".

Analistas ouvidos pelo **Valor Investe** acreditam que a Petrobras é uma boa empresa, mas comprar os papéis durante a oferta pode não ser a melhor escolha. "Tudo é uma questão de preço. Se houver algum desconto considerável em relação ao negociado em bolsa, vale a pena", afirma Luiz Francisco Caetano, da Planner Corretora. A questão é que a definição do preço só sai aos 45 minutos do segundo tempo da oferta.

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 17/06/2019****Seção: Empresas****Autor: Camila Maia | Do Rio****Título: Engie e LOréal fecham parceria para uso de energia renovável**

A expansão dos negócios de um grande grupo não necessariamente significa aumento das emissões de gases poluentes. É com esse pensamento em comum

que as francesas Engie e L'Oréal anunciam hoje uma parceria na qual a gigante de beleza vai garantir que 100% da energia usada no Brasil será de origem renovável. Inicialmente com duração de três anos, mas com possibilidade de ter o prazo estendido, o acordo prevê que todas as unidades da L'Oréal no Brasil serão abastecidas por energia gerada no complexo eólico de Trairi, no Ceará. "As mudanças climáticas não têm mais volta, sabemos disso. Começamos com três anos e quem sabe podemos estender por muito mais", disse a presidente da L'Oréal Brasil, An Verhulst-Santos.

O acordo segue uma tendência cada vez mais forte no Brasil, na qual grandes indústrias estão trocando a energia convencional por energia renovável por meio de acordos firmados diretamente com geradores e prestadores de serviços de eficiência energética. A Engie sozinha tem mais de mil clientes diretos no mercado livre de energia, disse Maurício Bähr, presidente da Engie Brasil.

"A motivação inicial dos projetos de geração era muito baseada na demanda das distribuidoras de energia, mas a partir de um determinado momento começamos a notar que nossos clientes buscavam ter certificação de origem da energia", contou Bähr. "Hoje, conseguimos viabilizar projetos a partir da necessidade do cliente, e estamos em negociação para fazer outros projetos", completou. Como o complexo de Trairi é grande, com 212,6 megawatts (MW) de potência, e a L'Oréal precisa de menos de 10 MW para atender seu consumo, há espaço para aumentar o contrato e fazer outros semelhantes com novos clientes.

No Brasil, a L'Oréal está implementando outras iniciativas de geração renovável. O centro de pesquisa e inovação da companhia no Rio de Janeiro recebeu a instalação de 1200 painéis solares fotovoltaicos. Neste ano, a fábrica de São Paulo vai receber instalações de energia solar. Por isso, a companhia está fazendo um "teste" com o novo contrato de compra de energia de Trairi, a fim de calcular qual será sua demanda ao fim de três anos. Havendo previsibilidade, o contrato deve ser renovado. "O objetivo é fazer um contrato de longo prazo", disse a executiva.

A parceria pode render frutos para as empresas também no exterior. Representantes das duas francesas já foram procurados por colegas nas unidades dos Estados Unidos, França, China, Austrália e Peru. A ideia seria replicar a parceria em outros mercados.

Do lado da L'Oréal, a iniciativa faz parte do programa Compartilhando a Beleza com Todos, lançado globalmente em 2013 buscando aumentar a sustentabilidade na companhia. Segundo a presidente no Brasil, a meta inicial do programa era obter a redução de emissão de gás carbônico em 60% até

2020, mas o grupo atingiu 68% de redução ao fim de 2018 no Brasil. Agora, a meta é ser neutra em emissões de gás carbônico até o fim do ano que vem. "Vender mais não significa emitir mais gases, pelo contrário", disse a executiva.

A Engie, por sua vez, tem a meta de liderar a transição energética em curso em todo o mundo. "No passado, a decisão de mudança climática era feita a nível de governo, mas começou a inspirar e contaminar empresas e pessoas que têm cada vez mais metas de redução de emissões", disse Bähr. A própria elétrica francesa estabeleceu como meta a venda de seus ativos de geração não renovável e está se concentrando em geração de energia limpa e infraestrutura.

A despeito de discursos políticos que indicam afrouxamento das leis ambientais, como visto recentemente nos Estados Unidos e no Brasil, por exemplo, ambos os executivos apostam que a transição energética é uma realidade que veio para ficar. "Independentemente de requisitos legais, as empresas determinam o que é aceitável ou não", disse Bähr. Ele lembrou que a eleição de Donald Trump com um discurso de redução das restrições a novas usinas a carvão não se traduziu em novas usinas nos Estados Unidos.

"Não vemos a proliferação de usinas a carvão, porque é preciso ter o desejo de investidores para que isso ocorra", disse o executivo. A própria Engie colocou suas usinas a carvão no Sul do Brasil no mercado no início de 2017, mas tem enfrentado dificuldades para concluir a venda dos ativos.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 17/06/2019

Seção: Internacional

Autor: Agências internacionais

Título: Apagão histórico deixa Argentina e Uruguai sem luz

Um apagão deixou mais de 47 milhões de pessoas sem energia elétrica durante toda a manhã e início da tarde, ontem, em praticamente toda a Argentina, todo o Uruguai e parte do Paraguai. Segundo as empresas de energia e o governo argentino, houve falha numa rede interligada. Autoridades argentinas anunciaram que investigarão por que houve uma desconexão total do sistema.

O apagão ocorreu no início da manhã em consequência de uma falha na linha de alta tensão que sai de Yacretá, uma antiga usina hidrelétrica binacional construída no rio Paraná, entre Argentina e Paraguai. Fica a 70 quilômetros das cidades de Posadas (Argentina) e Encarnación (Paraguai). Situa-se abaixo da usina de Itaipu.

Em entrevista à imprensa da Argentina, ontem à tarde, o secretário de energia, Gustavo Lopetegui, disse que o governo desconhece as causas que provocaram

o apagão que afetou todo o país. Segundo ele, a investigação do problema que ele considerou "muito grave" levará de dez a 15 dias.

"O que sabemos é que às 7h07 houve uma falha no sistema de transporte da energia; são falhas que ocorrem normalmente. O extraordinário, e que não deve acontecer, é a série de acontecimentos posteriores, que provocaram a desconexão total", disse Lopetegui. O sistema de proteção para que o incidente não derrube todo o sistema também falhou.

Essa foi a primeira vez que esses países sofreram um apagão dessa magnitude. Na Argentina, a interrupção de energia só não atingiu a Terra do Fogo, no extremo sul do país, onde há poucos habitantes. O sistema foi sendo restabelecido aos poucos durante a tarde.

Apesar de o prejuízo ter sido menor, num domingo, do que seria durante a semana, na Argentina, porém, o apagão atrapalhou as eleições para governadores, realizadas ontem em várias províncias. A votação ocorreu em meio à escuridão e muitos eleitores recorreram à luz dos celulares para escrever nas cédulas.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 17/06/2019

Seção: Empresas

Autor: Stella Fontes e Ivo Ribeiro | De São Paulo

Título: Ultra faz mudanças na rede Ipiranga

Sob intenso escrutínio de analistas e investidores desde o fim de 2017, diante da piora do desempenho da Ipiranga e, mais recentemente, da revisão das expectativas para a economia brasileira, o grupo Ultra promoveu uma série de mudanças dentro de casa e confia que as medidas vão recolocá-lo na rota histórica de crescimento. Um dos principais ajustes se deu justamente na distribuidora de combustíveis, cujo esforço segue concentrado em estreitar a relação de oito décadas com os donos de postos e conta com duas novas diretorias que no futuro poderão trazer receitas adicionais. "Acreditamos que a Ipiranga continuará aprimorando os resultados. O maior desafio é a economia brasileira deslanchar", disse ao **Valor** o presidente da Ultrapar, Frederico Curado, que assumiu o comando de um dos maiores conglomerados brasileiros há quase dois anos.

Com cinco negócios distintos, nas áreas de distribuição de combustíveis e de GLP, especialidades químicas, armazenamento de granéis líquidos e varejo farmacêutico, o grupo está bastante exposto às variações do Produto Interno

Bruto (PIB) nacional. Assim, se a economia doméstica não vai bem, todas as empresas sentem em maior ou menor grau.

Para auxiliá-lo na condução desses negócios, o Ultra instituiu no início deste ano cinco conselhos consultivos, um para cada empresa, composto por quatro membros: Curado, o diretor financeiro e de relações com Investidores André Pires, e dois nomes escolhidos no mercado. Antes, o grupo já havia renovado seu conselho de administração. O colegiado passou a contar com dez membros, entre os quais José Gallo, por 20 anos presidente da Lojas Renner, e Ana Paula Vescovi, ex-secretária do Tesouro Nacional, e ganhou dois novos comitês.

Responsável por mais de 80% da receita líquida do Ultra no ano passado, de R\$ 90,7 bilhões, a Ipiranga tem como principal negócio a distribuição de combustíveis e se reorganizou para explorar melhor suas operações adjacentes, cujo foco estava limitado a atrair tráfego para o posto. "Queremos olhar isso como um negócio e gerenciar como negócio", explicou Curado, referindo-se à criação de uma diretoria voltada para gestão da rede de franquias am/pm e outra que abarca a plataforma digital de relacionamento com seus clientes.

Presente em cerca de 2,5 mil postos da bandeira, ou o equivalente a um terço da rede, as lojas am/pm geram vendas de R\$ 2 bilhões por ano. Para tocar essa área, o grupo trouxe para dentro de casa, no início do ano, o ex-diretor-geral da Brazil Fast Food Corp (BFFC), da rede Bob's, Marcello Farrel. Em outra frente, o "Km de Vantagens", maior programa de fidelidade do país com uma base de 30 milhões de CPFs (pessoas) participantes, e o aplicativo "Abastece Aí" ficaram sob o guarda-chuva da nova diretoria liderada pelo executivo Jerônimo dos Santos.

Miguel Lacerda se concentrará na diretoria da rede de distribuição de combustíveis. Ele tinha sob sua gestão essas duas áreas.

Assim como Farrel, Santos se reporta ao diretor-superintendente da Ipiranga, Marcelo Araújo. "O combustível ainda é central, mas os outros negócios estavam na sombra", comentou Curado. Neste momento, está em discussão o modelo de negócios que poderá destravar valor dessas adjacências, ao mesmo tempo em que a Ipiranga dá continuidade à migração da rede para um novo modelo de bonificação (atrelado ao resultado da venda de combustíveis) e aos investimentos em infraestrutura logística, reforçados com a participação no consórcio com as rivais BR e Raízen que venceu leilões de terminais portuários em Vitória (ES) e Cabedelo (PB). Se considerado o investimento no terminal de Vila do Conde (PA), arrematado em leilão pela Ultracargo, o investimento total somente nesses projetos chega a R\$ 1 bilhão.

Outro ponto de atenção dos analistas, a rede de varejo Extrafarma, comprada há cinco anos, já fez uma revisão de estratégia, diminuiu a velocidade de abertura de lojas e adotou a bandeira da seletividade, o que inclui avaliar com mais rigor o retorno de suas unidades - com isso, há maior depuração da rede. Com cerca de 430 lojas em 12 Estados, a Extrafarma tem hoje três vezes o tamanho de 2013 e tem registrado resultados operacionais negativos, atribuídos aos gastos elevados com novas unidades, atualização de sistemas de tecnologia e centros de distribuição.

O foco atual, diz Curado, está no adensamento das praças onde a drogaria está presente, e na preparação da empresa para a próxima rodada de consolidação de ativos desse segmento. "Vai haver um ciclo de consolidação pela frente e a Extrafarma está se preparando para isso", afirmou. O país tem 80 mil farmácias e menos de 10% respondem por 45% das vendas totais. Há muito espaço para aquisições de negócios, e até fusões, disse.

Apesar dos esforços para mostrar que a reorganização da Ipiranga trará resultados e da recuperação gradual da margem bruta da rede nos últimos trimestres, o mercado ainda é cauteloso no que se refere ao investimento em ações do Ultra. Entre o fim de 2018 e o começo deste ano, embalados pelo maior otimismo com o futuro da economia brasileira, os papéis da holding se afastaram do piso de R\$ 18,10 em anos, atingido em setembro. Mas perderam fôlego e hoje são negociados em torno dos R\$ 21 - bem longe dos R\$ 38,95 marcados em fevereiro do ano passado, a maior cotação em pelo menos seis anos.

"O grupo está saudável operacional e financeiramente. O preço da ação reflete a expectativa de mercado", disse Curado. "Estamos investindo R\$ 1,8 bilhão neste ano, pagando dividendos de 50% a 60% do lucro líquido e fazendo desalavancagem financeira que cresceu nos últimos anos, para duas vezes o Ebitda", acrescentou.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 17/06/2019

Seção: Empresas

Autor: Stella Fontes e Ivo Ribeiro | De São Paulo

Título: Em consórcio, grupo tenta de novo comprar Liquigás

O grupo Ultra está novamente tentando comprar a Liquigás, distribuidora de gás liquefeito de petróleo (GLP) da Petrobras, mas em outro formato. O presidente da holding Ultrapar, Frederico Curado, disse, em entrevista ao **Valor** na quinta-feira, que o grupo faz parte de um consórcio que apresentou oferta não

vinculante pelo ativo no início da semana passada. "O Ultra está em um consórcio e é minoritário por força do edital", disse o executivo, sem fornecer mais informações sobre esse processo.

Pelo novo edital, que restringiu a participação de empresas que já atuam no segmento, competidores com fatia superior a 10% no mercado nacional não poderiam apresentar uma proposta por mais de 30% dos ativos da Liquigás. Além do Ultra, fundos de private equity, Itaúsa e outras distribuidoras de GLP se organizavam para participar da disputa, conforme informou o **Valor** no fim de maio.

Foi justamente por causa do elevado risco concorrencial no mercado brasileiro de gás de cozinha que o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) vetou, em fevereiro do ano passado, a compra da distribuidora de GLP da Petrobras pela Ultragaz, segundo maior negócio do grupo Ultra em receita.

A operação, que chegaria a R\$ 2,8 bilhões, acabou rendendo uma multa de R\$ 286 milhões, paga à estatal. Meses antes, a Superintendência-Geral do Cade já havia alertado em parecer que a transação proposta eliminaria um forte concorrente de um mercado em que quatro empresas respondem por mais de 85% da oferta. A Ultragaz é a líder nesse segmento, com volume total (entre envasado e granel) de 1,73 milhão de toneladas em 2018.

Além da Liquigás, disse Curado, o grupo vai avaliar a participação no processo de desinvestimentos de refinarias da Petrobras. A decisão de levar adiante uma oferta vai depender das regras para venda dos ativos. "É importante entender como o Cade vai enxergar a verticalização", explicou o executivo. O Ultra é dono da Ipiranga, uma das maiores redes de distribuição de combustíveis do país, e não tem claro qual seria o posicionamento do órgão regulador caso se tornasse sócio de uma refinaria.

Em termo de compromisso de cessação (TCC) firmado entre Petrobras e Cade na semana passada, ficou estabelecido que a estatal venderá oito das 14 refinarias que possui até 2021 e cinco delas não poderão ser adquiridas por um mesmo comprador ou empresas do mesmo grupo econômico.

No mercado internacional, o modelo de integração de refinaria e distribuição (o chamado "downstream") é comum - na Argentina, por exemplo, a Raízen, joint venture entre Cosan e Shell, é dona de uma refinaria e de uma rede de postos de combustíveis, assim como grandes petroleiras fazem em outros mercados.

"Como negócio, faria sentido. Dependendo das regras, poderá interessar", reiterou Curado.

O risco de eventual ingerência política também afeta os planos. "Uma interferência do governo, como no caso da Petrobras, não ajuda nada", afirmou Curado, referindo-se ao episódio do início do ano, em que, depois de anunciar um reajuste de quase 6% para o diesel, a petroleira voltou atrás e suspendeu a alta. A estatal foi pressionada pelo governo federal a não aplicar o reajuste.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 17/06/2019

Seção: Empresas

Autor:

Título: Curtas

Rio Tinto transparente I

A Rio Tinto tornou públicos os contratos e acordos de licenciamento que regem seus grandes projetos, dentro da iniciativa do grupo anglo-australiano para melhorar a transparência e combater a percepção de que as mineradoras ganham dinheiro à custa dos países onde operam. Segundo publicou o jornal inglês "Financial Times", embora alguns dos contratos da Rio Tinto já estivessem disponíveis publicamente, como o investimento no gigantesco projeto de cobre Oyu Tolgoi, na Mongólia, outros eram mais difíceis de encontrar. Para resolver esse problema, a Rio Tinto, membro e fundadora da Iniciativa de Transparência das Indústrias Extrativas (EITI, na sigla em inglês), criou uma tabela on-line com links para seus contratos, pesados documentos legais que podem ser difíceis de ler por quem não é especialista. "Ao abrir nossos contratos podemos contribuir para a administração responsável dos recursos naturais e para ajudar a evitar a corrupção", destacou a Rio Tinto em comunicado. "Contratos dão garantias às duas partes e orientam as expectativas sobre como vamos trabalhar juntos durante a vida do projeto de mineração." A novidade deverá ser observada de perto por rivais da Rio Tinto, como a Anglo American, a BHP e a Glencore.

Rio Tinto transparente II

O anúncio da Rio Tinto chega depois de a indústria de mineração ter sido obrigada a revelar detalhes sobre suas barragens de rejeitos diante da pressão de grandes investidores institucionais. Em janeiro, a barragem de uma mina operada no Brasil pela Vale ruiu, matando pelo menos 230 pessoas. As mineradoras internacionais também deparam-se com uma maré crescente de nacionalismo no que se refere aos recursos naturais, particularmente na África, onde as empresas e os governos de países onde operam têm se confrontado

quanto a questões tributárias e outras mudanças na regulamentação. Os grandes projetos de mineração são projetos que se estendem por várias gerações e custam bilhões de dólares para sair do papel. Dessa forma, muitas vezes são necessários muitos anos para o investimento inicial ser recuperado e para os proprietários serem recompensados com dividendos. A demora pode levar a tensões com os governos e políticos locais, que querem retornos imediatos.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 17/06/2019

Seção: Colunas

Autor: Clarice Couto, Gustavo Porto, Nayara Figueiredo

Título: » Commodity ou dinheiro.

Coluna do broadcastagro

A expectativa é grande sobre qual enquadramento o Banco Central e o Conselho Monetário Nacional (CMN) darão ao Crédito de Descarbonização (CBIO). O papel, a ser negociado entre produtores de combustíveis renováveis e distribuidoras de combustíveis fósseis, poderá ser considerado uma commodity ou um ativo financeiro. Os setores de biocombustíveis e financeiro temem que um CBIO Commodity tenha baixa atratividade e resistência do mercado, como ocorreu com o crédito de carbono, que não vingou. O BC não se manifesta sobre o assunto.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 17/06/2019

Seção: Editorial

Autor:

Título: O grande leilão

Venda de excedentes de petróleo do pré-sal pode marcar abertura do setor e dar alívio ao caixa do Tesouro, mas não é solução para o Orçamento

Tudo parece caminhar para que afinal se realize um grande leilão do petróleo do pré-sal, marcado para 6 de novembro e com arrecadação estimada em R\$ 106,6 bilhões.

Mais importante, ao longo dos próximos anos a abertura do mercado poderá viabilizar um montante inédito de investimentos e colocar o Brasil em destaque entre os grandes produtores mundiais.

Percorreu-se um penoso caminho até aqui. O primeiro passo foi alterar a legislação, durante a gestão de Michel Temer (MDB), para flexibilizar a inviável exclusividade da Petrobras como operadora da exploração do pré-sal.

Venceu-se outra etapa preparatória fundamental apenas nos últimos meses, quando a União e a Petrobras chegaram a um acordo para revisar o contrato original, firmado em 2010, pelo qual a gigante estatal adquiriu o direito de explorar até 5 bilhões de barris.

De lá para cá, as condições de mercado mudaram e muito mais petróleo foi mapeado — estima-se um excedente de até 10 bilhões de barris. Abre-se agora a possibilidade de exploração desse adicional.

Serão ofertadas quatro áreas: Atapu, Búzios, Itapu e Sépia, localizadas na Bacia de Santos. Os contratos seguirão o modelo de partilha, pelo qual a União recebe um percentual do óleo extraído.

Quando se considera, além da titularidade direta desse montante de petróleo a ser definida no certame de novembro, os bônus de assinatura e os impostos a serem arrecadados com a produção, a União fica com a maior parte do valor econômico do pré-sal.

Não procede, portanto, atese de que se está a entregar petróleo de graça a agentes privados.

Na verdade, se a exploração for bem-sucedida, país e governo disporão de uma formidável fonte de renda nos próximos anos — que não pode, entretanto, ser tomada como a salvação da pátria.

Caso se consiga mesmo realizar o leilão em tempo hábil, os recursos proporcionarão considerável alívio ao caixa do Tesouro Nacional neste 2019, reduzindo o déficit hoje calculado em R\$ 139 bilhões (sem considerar na conta os encargos com juros da dívida).

Do valor a ser obtido, algo em torno de R\$ 35 bilhões, a depender das cotações do dólar, ficará com a Petrobras. Negocia-se no Congresso, ademais, a repartição de cerca de 30% dos recursos com estados e municípios, o que pode gerar discussão prolongada.

Cumpram não ressuscitar a ilusão dos tempos petistas de que a descoberta do pré-sal resolveria, mais à frente, desequilíbrios orçamentários e deficiências econômicas.

Tal equívoco estimulou, sem dúvida, a gestão temerária nas finanças públicas, cujas consequências permanecerão por muitos anos.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Data: 17/06/2019****Seção: Mundo****Autor: Sylvia Colombo****Título: Apagão sem precedentes atinge Argentina e Uruguai**

Após 11 horas, fornecimento volta em maior parte dos países; Paraguai também sofre

Buenos Aires- Um apagão "sem precedentes" deixou dezenas de milhões de pessoas às escuras na Argentina e no Uruguai neste domingo (16). O presidente argentino, Mauricio Macri, prometeu investigar o colapso, que também afetou partes do Paraguai.

"Trata-se de um caso inédito, que será investigado a fundo", afirmou Macri.

O Sistema Argentino de Interconexão entrou em colapso às 7h07, afirmou a Secretaria de Energia. A refinaria La Plata, da YPF — a maior da Argentina — parou de funcionar.

O corte ocorreu devido a uma "falha maciça" no sistema de transmissão entre Yacyretá, represa binacional na fronteira com o Paraguai, e Salto Grande. Essa falha provocou a desativação automática das usinas hidrelétricas, segundo a distribuidora Edesur.

Onze horas depois, às 18h, 90% do fornecimento havia sido restaurado na Argentina, segundo o governo.

"Falhas ocorrem com assiduidade. O que é extraordinário e não deveria ocorrer é a cadeia de acontecimentos posteriores que causaram a desconexão total", afirmou o secretário de Energia Gustavo Lopetegui, ao jornal Clarín. "É algo muito grave."

Segundo o ONS (Operador Nacional do Sistema Elétrico), o Brasil não foi afetado.

Buenos Aires chegou a ficar completamente sem luz, mas a energia começou a voltar no final da manhã. O aeroporto internacional de Ezeiza operava com normalidade por volta das 14h, com geradores.

Houve confusão na cidade — era o Dia dos Pais e chovia muito em Buenos Aires. O fornecimento de água e os serviços de internet, de telefonia e de transporte público foram afetados.

"A cidade está um desastre. Não há semáforos [funcionando]. Acabou com o Dia dos Pais", disse a aposentada Liliana Comis, 75.

O apagão ocorre em meio a uma crise econômica que deixou quase um terço do país na pobreza, elevou as taxas de juros, desvalorizou o peso —e espirrou para o debate eleitoral.

"Milhões de argentinos, que têm de pagar taxas astronômicas de eletricidade, ainda estão esperando que a energia volte a suas casas", afirmou o peronista Alberto Fernández, que concorre à Presidência tendo como vice a ex-presidente Cristina Kirchner.

Algumas províncias tiveram de adiar temporariamente o início da votação em eleições locais.

A Administração Nacional de Usinas e Transmissões Elétricas do Uruguai afirmou que todo o território ficou sem luz, mas que 75% do serviço havia sido restituído às 13h, acrescentando que apagão de tal monta não havia o corrido nos anos recentes.

Segundo a Edesur, a hipótese mais provável é que apagão teria ocorrido por um "desequilíbrio entre a energia entregue e a alta demanda".

No inverno, os argentinos utilizam muita energia para calefação, e o governo realiza campanhas incentivando o uso moderado dos sistemas, para evitar apagões.

Mas, segundo Lopetegui, a falha ocorreu em um momento de baixa demanda "uma vez que é domingo e não faz muito calor, nem muito frio". "O sistema elétrico argentino é muito robusto, com capacidade de excesso tanto na geração quanto na transmissão", acrescentou.

A Argentina, com 44 milhões de habitantes, e o Uruguai, com 3,4 milhões, compartilham um sistema inter-conectado de energia elétrica, centralizado na usina binacional de Salto Grande, a cerca de 450 km de Buenos Aires.

Com AFP e Reuters

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 17/06/2019

Seção: Colunas

Autor: Tabata Amaral

Título: Conspiração contra o meio ambiente

Negacionistas do aquecimento global transformam teorias em movimentos

Cientista política, astrofísica e deputada federal pelo PDT-SP Formada em Harvard, criou o Mapa Educação e é cofundadora do Movimento Acredito

A convite da embaixada alemã, participei de uma missão oficial sobre a questão ambiental e o papel do Parlamento nessa área. Foram cinco dias intensos tendo acesso à realidade local e a pesquisas de ponta. Os alemães mostraram ter um conhecimento detalhado do Brasil e dos avanços que acumulamos em anos recentes. Estivemos em organizações como o Instituto de Pesquisa Econômica Ambiental (IÓW), o Conselho Alemão para o Desenvolvimento Sustentável e o Instituto Potsdam para Pesquisa do Impacto Climático.

A maior surpresa para nossos anfitriões foi ver como os deputados e senadores que integravam a delegação brasileira discordavam não apenas das ações da gestão Bolsonaro mas também dos dados apresentados pelo governo, evidenciando o quanto estamos divididos nessa área.

Havia incredulidade generalizada com o negacionismo perpetuado por lideranças como Trump e Bolsonaro, e foi difícil encarar a perplexidade dos alemães com o desvio de rota do Brasil e a aparente perda de racionalidade no trato do tema ambiental pelo nosso Ministério do Meio Ambiente e pelo seu condutor, Ricardo Salles.

Ainda que entendêssemos o receio das autoridades alemãs, eu e outros membros da delegação pedimos que a Alemanha não retirasse recursos do Fundo Amazônia, colocado em risco por falas recentes de representantes do governo Bolsonaro.

Nos cinco dias do encontro, debatemos também a transição energética para fontes de energia cada vez mais renováveis. Falamos especialmente sobre o fato de essa transição na Alemanha estar levando a empregos mais dignos. O Agora Energiewende, que visitamos, é um grupo que busca formular uma visão comum de como pode ser concebido um sistema elétrico baseado em energias renováveis. No início de 2016, pouco depois da cúpula climática da ONU, apresentaram uma proposta para eliminar gradualmente a geração de energia a partir do carvão.

Também conversamos sobre o potencial do nosso biogás para substituir o diesel, um dos principais poluentes, e sobre como o Brasil precisa se preparar para a recente mudança de paradigma em relação ao petróleo. Hoje, a expectativa já é de que, até 2030, alcancemos o pico da demanda por petróleo no mundo, o que impacta diretamente as nossas discussões sobre o pré-sal.

Lembramos também que é nos municípios brasileiros com os menores níveis de desenvolvimento que encontramos o maior potencial de energia renovável. Ou seja, a transição para energias mais renováveis pode contribuir muito para o desenvolvimento regional, em especial no Nordeste.

Mas são os cenários traçados para o mundo que mais nos obrigam a tratar com seriedade as questões ambientais. O planeta já aumentou de temperatura em aproximadamente 1°C e se estima que o nível do mar suba até 1 m até 2.100. Se a Groenlândia derreter, o nível do mar pode aumentar em até 7 m e isso levará não apenas a catástrofes ambientais mas também a graves desastres econômicos e sociais.

Por enquanto ainda podemos sonhar não apenas com a redução do aquecimento global mas também com sua reversão. No entanto, o ponto de não retorno está cada vez mais próximo e, enquanto isso, os negacionistas do aquecimento global estão transformando suas teorias da conspiração em movimentos políticos, o que é extremamente grave e preocupante. É na política que a irracionalidade tem seu maior potencial de impacto negativo, colocando em risco não apenas o desenvolvimento social e econômico do nosso país mas também o futuro de todo o planeta.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 17/06/2019

Seção: Fovest

Autor: Tássia Kastner

Título: Saiba como comprar ações da Petrobras à venda pela Caixa

Oferta é pouco vantajosa a pequeno investidor, que lembra da capitalização de 2010

São Paulo- Pequenos investidores também poderão comprar as ações da Petrobras que foram colocadas à venda pela Caixa, em operação que pode movimentar cerca de R\$ 7 bilhões no final do mês.

Para isso, será preciso participar da fase de reserva, que vai desta segunda (17) até a próxima — 30% da oferta de ações poderá ficar com pequenos poupadores.

Na fase de reservas, o investidor avisa aos bancos o interesse em comprar os papéis.

A pergunta, porém, é por que o investidor pessoa física deveria participar dessa operação.

As ações da Petrobras já são vendidas em Bolsa. Isso significa que investidores não precisam esperar a oferta da Caixa para comprá-las. Basta ter conta em corretora e fazer o investimento a preço de mercado, ao redor de R\$ 29 (no caso das ações ordinárias, com direito a voto, as mesmas que estão sendo vendidas pelo banco).

Já o valor das ações que a Caixa colocou à venda nesta oferta será outro, provavelmente um pouco menor. Investidores institucionais é que dirão o preço, em um processo chamado de bookbuilding, quantos papéis estão dispostos a comprar e por quanto.

Pedirão esse desconto para comprar da Caixa e não diretamente em Bolsa. Neste processo, o investidor não opina sobre o preço das ações.

"Pode ser que na oferta tenha um pequeno desconto. Digamos que de 5%. Não vai ser por causa disso que sua decisão de comprar uma ação vai mudar", afirma Michael Viriato, professor de finanças do Insper.

Analistas e gestores de mercado têm destacado o novo momento da estatal, que tem um plano de desinvestimentos em andamento para colocar mais dinheiro em caixa, associado a uma gestão considerada mais pró-empresa do que a de governos anteriores.

Há ainda a expectativa de aumento de produção e investidores contam também com as oscilações do petróleo, que determinam a receita com a venda combustível.

Esses seriam indicadores relevantes para que o investidor avalie o potencial da empresa lucrar mais no futuro, o que levaria à valorização da empresa na Bolsa —o objetivo do investidor.

Antes da oferta, algumas corretoras apontavam preço-alvo da ação preferencial da companhia (mais negociada) a R\$ 33. Isso indica um potencial de valorização de cerca de 20% dos atuais R\$ 27, na cotação da última sexta-feira.

A Petrobras vendeu a TAG (empresa de gasoduto) por R\$ 33 bilhões neste ano e esse é apenas um dos planos de desinvestimento. A companhia deve vender refinarias e também participação que detém da BR Distribuidora.

Isso reforçaria o caixa da petroleira e colocaria o foco no negócio principal, que é exploração do petróleo.

"Entramos em uma janela de privatizações, aí as pessoas ignoram um pouco o risco das interferências [do governo na gestão da estatal] ", afirma George Wachsmann, sócio da gestora digital Vitreo.

O período de interferência do governo na Petrobras foi uma das razões que levou as ações a afundarem na Bolsa. Os preços controlados do combustível fizeram a estatal registrar perdas que se refletiram nas ações. No pior momento, o papel foi negociado amenos de R\$ 10.

Houve ainda o escândalo do petrolão, que colocou a gestão da companhia em xeque.

O processo de recuperação se deu com a chegada de Pedro Parente, durante o governo de Michel Temer.

Ali foi criada a política de preços, que levava em consideração a cotação internacional do petróleo, o câmbio e o custo de importação do combustível.

Na prática, o sistema de reajustes diários blindava a companhia da interferência política, sistema que começou a ruir com a paralisação dos caminhoneiros, há um ano.

Na semana passada, a direção da companhia aboliu de vez os intervalos mínimos de reajuste de preços, apesar de afirmar que os parâmetros de correção seguem os mesmos.

"É uma empresa com controle público, existem problemas de governança ainda não resolvidos completamente", diz Viriato.

Apesar disso, o ambiente agora é considerado positivo e colocou as ações da Petrobras no mesmo patamar de 2010, quando o governo decidiu fazer uma grande oferta de ações para capitalizá-la.

A operação movimentou mais de R\$ 120 bilhões, dos quais R\$ 1,7 bilhão foram aplicados por pequenos investidores. Se esse pequeno poupador suportou todo o período de crise da companhia e não vendeu o papel, ainda assim ele teve um prejuízo nesses quase dez anos, descontando a inflação.

"É uma lição que foi dada há nove anos, com a capitalização [da Petrobras]. É hora de ver se ela foi aprendida", afirma Viriato.

VEÍCULO: O Globo**Data: 17/06/2019****Seção: O Mundo****Autor: JANAÍNA FIGUEIREDO****Título: Escuridão eleitoral**

Apagão deixa Argentina e Uruguai sem luz e vira desafio para Macri nas urnas

Argentina e Uruguai enfrentaram um apagão maciço ontem, deixando mais de 40 milhões de pessoas sem energia elétrica. Segundo autoridades argentinas, o problema começou às 7h07m (horário local) com "uma falha maciça no sistema de interconexão" com a usina hidrelétrica binacional de Yaciretá, na fronteira com o Paraguai, que teve algumas áreas afetadas. O incidente, a poucos meses da eleição presidencial na Argentina, acabou virando tema da campanha.

O presidente Mauricio Macri disse no Twitter que o problema foi "sem precedentes" e prometeu uma investigação completa sobre as causas. Já o secretário de energia, Gustavo Lopetegui, afirmou que falhas no sistema são comuns, mas que desta vez houve um encadeamento de acontecimentos incomuns que levaram ao apagão.

— Não há razões para que (o apagão) tenha acontecido, mas aconteceu, e é algo muito grave — disse Lopetegui, explicando que a desconexão do sistema é automática, quando há um problema, para evitar danos maiores.

— É muito fora do comum o que aconteceu, mas é preciso ser prudente e não nos aventurarmos em hipóteses.

BRASIL ESCAPOU DE EFEITOS

A Argentina, com seus 44 milhões de habitantes, e o Uruguai, com 3,4 milhões, compartilham um sistema elétrico interconectado centrado na represa binacional de Salto Grande, localizada cerca de 450km ao norte de Buenos Aires e aproximadamente 500km de Montevidéu. De noite, a energia elétrica já tinha sido restaurada em 90% da Argentina e quase todo o Uruguai. Um porta-voz do Operador Nacional do Sistema (ONS) disse à agência Reuters que o Brasil não sofreu reflexos do apagão.

Em Buenos Aires, o domingo chuvoso contribuiu para deixar as ruas ainda mais vazias durante o apagão. Alguns supermercados e lojas funcionavam graças a geradores. A Argentina comemorou o seu Dia dos Pais ontem, e os restaurantes da capital esperavam grande movimento.

— Acidade está um desastre. Não há sinais de trânsito. As lojas não estão abertas. Estragou o Dia dos Pais — reclamou a aposentada Liliana Comis, de 75 anos, moradora de Buenos Aires.

Algumas províncias argentinas — Santa Fé, San Luis, Formosa e Terra do Fogo — também elegeram governadores ontem, e as votações foram mantidas. E o apagão entrou firme na campanha para as eleições de outubro. O governo Macri já teve de lidar com a pior seca em 50 anos, uma desvalorização de mais de 300% do peso, e continua às voltas com a sexta taxa de inflação mais alta do mundo, na região abaixo apenas da venezuelana. Agora, um super apagão.

O episódio aconteceu em momentos em que a Casa Rosada promove o potencial da jazida de Vaca Muerta, na província de Neuquén, pela qual a Argentina é considerada o segundo país do mundo com mais recursos gasíferos e o quarto em petróleo não convencional. Esse mesmo país ficou às escuras, ampliando a lista de dores de cabeça para um presidente que pretende reeleger-se em outubro.

Nas redes sociais, os comentários irônicos e críticas ao governo se multiplicaram. E como era esperado, o kirchnerismo não perdeu tempo e rapidamente foi às redes culpar Macri e atacar um dos lemas de campanha do macrismo: "Se Cristina voltar ao poder a Argentina se transformará na Venezuela" O pré-candidato à Presidência Alberto Fernández, companheiro de chapada senadora e ex-presidente Cristina Kirchner (2007-2015), foi o encarregado de dar a alfinetada: "Subiram as tarifas tanto como seus amigos pediram e geraram o maior apagão da História. Não é Venezuela. É Argentina. Já chegou a hora de perceber isso", escreveu Fernández no Twitter.

VÍDEO ANTI-MACRI

Na mesma mensagem, o pré-candidato presidencial do kirchnerismo postou um vídeo no qual Macri afirma que "se nós não tivéssemos aumentado as tarifas (subsidiadas pelo kirchnerismo), teríamos ficado a um passo de virar a Venezuela" O chamado tarifaço foi uma das primeiras medidas aplicadas pelo presidente após vencer as eleições de 2015, com o argumento de que o sistema herdado de Cristina era insustentável.

De fato, muitos analistas concordam em que a Argentina não podia continuar bancando tarifas muito abaixo da média regional. Alguns reajustes superaram 400%, incluindo energia elétrica e gás. Foi um duro golpe ao bolso dos argentinos, sobretudo da classe média urbana, setor onde Macri, mostraram recentes pesquisas, perdeu muitos votos.

Macri pode ter dificuldade para explicar a estes eleitores que estão em dúvida sobre voltar a apostar no macrismo que Vaca Muerta será a solução do futuro. E também que a política energética e tarifária atual tem lógica e resolverá os problemas que, segundo o governo, são responsabilidade do kirchnerismo.

MME / ASCOM .